

ZAHUED TAJ-EDDIN



MITOLOGIAS E FÁBULAS
MYTHOLOGIES AND FABLES



Zahed Taj-Eddin, Escultor

Marius Kociejowski

O escultor sírio Zahed Taj-Eddin nasceu em Aleppo, Síria, em 1965. Após graduar-se na universidade, deixou o país em 1989, passando pela Alemanha e Itália antes de chegar a Londres, onde vive atualmente. Nascido num tempo de mudanças e de turbulência, foi criado com certo distanciamento da história de seu país. Sua trajetória e sua arte, no entanto, demonstram que as tragédias de sua terra natal deixaram sua marca, pois o território sírio ainda retém o sangue derramado ao longo dos séculos. Como o poeta cego da idade média al-Ma'arri disse em um de seus poemas: “Tome cuidado por onde anda, pois caminhamos sobre os mortos”. Dessa maneira, ainda que indiretamente, a arte de Taj-Eddin retrata a cultura árabe e mediterrânea, além da história síria em particular.

A primeira impressão que temos de sua escultura é a de que não há distinção entre ela e a arte antiga que ele tanto admira, como se não existissem os séculos que as separam. Mas o olhar atento percebe o caráter moderno da obra. Um sorriso que talvez não seja um sorriso, mas um esgar; um senso de jogo no que pode, na verdade, ser uma luta. As coisas não são o que parecem à primeira vista. Em quase tudo o que ele faz há um diálogo contínuo e irônico entre o moderno e o antigo, e por vezes o espectador tem de decidir por si se o que tem diante dos olhos é contato ou confronto dos tempos. Suas esculturas, muitas delas de animais, aparentam a princípio ser cômicas, e, de fato, podem ser lidas dessa forma. Uma de suas primeiras influências, o Kalilah wa Dimnah, considerado por muitos a primeira obra prima em prosa da literatura árabe, é uma versão do antigo texto indiano The Panchatantra, o qual foi traduzido para o árabe no século XVIII pelo estudioso persa Abdullah ibn al-Muqaffa. Aparentemente

Zahed Taj-Eddin, Sculptor

By Marius Kociejowski

The Syrian sculptor Zahed Taj-Eddin was born in Aleppo in 1965. He studied at the University of Aleppo and left Syria in 1989, moving first to Germany, then to Italy and, finally, to London where he still lives. The trajectory of his life is one that has mirrored his country's increasingly tragic history. The year of his birth ensured that he would come of age in a time of change and turbulence, when even as a small child he was forced into thinking along lines that have little to do with the country's historical character. However it is equally true to say Syria's landscape has absorbed the blood of centuries. As the blind mediaeval poet al-Ma'arri states in his poem, 'Take care where you walk because you walk upon the dead,' Syria's history in particular, and Arabic and Mediterranean culture in general, inform, albeit indirectly much of the time, Taj-Eddin's art.

The first impression one gets from his sculpture is of there being very little between it and the ancient art he so admires, as if whole centuries have been blotted out of existence, but the longer one looks at it one begins to see a modern twist to the archaic, a smile that is perhaps not a smile at all but a grimace, a sense of play that might be actually the depiction of a struggle. Things are not what they seem at first glance. There is in almost everything he makes an ongoing, ironic, dialogue between modern and ancient and at times the viewer has to decide for himself whether what is presented to the eye is an escape from, or a confrontation with, the times. The sculptures, many of them of animals, appear initially to be comical and indeed they may be read in that way. It would be no betrayal of the artist's intentions to mention that one of his early influences was the Kalilah wa Dimnah which is widely considered the first masterpiece of Arabic prose. It is in fact a version of the ancient Indian book The Panchatantra, which was translated into Arabic, in the eighth century, by the Persian scholar, Abdullah ibn

ZAHED
TAJ-EDDIN

uma coleção de fábulas, o livro quer retratar a relação entre o sultão e seus ministros através do discurso dos animais. As criaturas que protagonizam as obras de Taj-Eddin são o touro e a cabra, que são forças opostas. O touro representa o poder, e a cabra, não apenas o caráter lúdico, mas também o espírito rebelde. Ao contrário da ovelha, que por sua docilidade e obediência acaba por representar a maioria da população humana, a cabra não aceita nada do que a rodeia. Ela quer subir nas árvores, mastigar suas cascas, comer sapatos e coisas que os demais não comem. Ela sempre questiona o que as outras criaturas fazem e nunca aceita o que lhe foi dito. Na medida em que a cabra pode ser interpretada como uma representação do próprio artista, não é difícil entender sua relação e a de Zahed com o touro.

As pesquisas arqueológicas de Taj-Eddin contribuíram imensamente para a sua visão artística. Quando, por exemplo, ele estudou os antigos selos cilíndricos, encontrou diversos temas que ainda estão presentes no imaginário da cultura árabe. Na série chamada ‘Acrobats’ podem-se detectar influências da arte etrusca e grega, e, em especial, da cultura minoica, onde existiu a tradição da tauromaquia, na qual mulheres faziam saltos acrobáticos segurando o chifre dos bois, a parte mais perigosa dos animais. Se há um paradoxo aqui, é o de que para o artista o touro é a mais bela das criaturas. Vemos em uma das peças de Taj-Eddin a cabra de pé nas costas de um touro que tem a cabeça levemente inclinada. A imagem de pronto pode ensejar analogias políticas, mas não devemos perder muito tempo com este aspecto, pois a arte deve transcender o meramente panfletário. Entretanto, é importante considerar que o artista convida o espectador a se manifestar, sob pena de que o touro, embora enfraquecido, não chegue a ser definitivamente derrotado. Faça alguma coisa, diga alguma coisa! Essa é a mensagem da cabra, e é essa a conjuntura histórica sob a qual Zahed se encontra.

Uma de suas esculturas de maior inspiração política ‘Words’, deve muito a um poema de Hares Youseff, que fala de um homem no chão, abandonado, que não percebe que as folhas de grama sob

al-Muqaffa. Ostensibly a collection of animal fables, the book depicts the relationship between the sultan and his ministers, which is all done through the speech of animals. The creatures most central in Taj-Eddin’s artistic menagerie are the bull and the goat – opposites, of course – the one representing power, the other not only playfulness but also rebellious spirit. Unlike the sheep, which in their docility and obedience represent the greater part of the human populace, the goat accepts nothing around him. It wants to climb trees. It wants to chew bark and shoes and not what everyone else eats. It always questions the things other creatures do and it never accepts what it has been told. If the goat may be seen as the artist himself it requires no great leap of the imagination to understand what its, and Taj-Eddin’s, relationship to the bull is.

Taj-Eddin’s researches in the field of archaeology have hugely contributed to his artistic vision. When, for instance, he studied ancient cylinder seals he found in them the motifs that are still a part of Arabic culture. In the series, which he calls Acrobats, one can readily detect the influence of Etruscan and Greek art, especially Minoan culture where there is the tradition of bull-leaping, women making acrobatic leaps and catching the horns of the bull, the most powerful and dangerous part of him. If there is a paradoxical element here it is that for the artist the bull is a most beautiful creature. When in one of Taj-Eddin’s pieces the goat is seen standing proudly on the back of a bull whose head dips downward a little, one may permit oneself a political analogy although it is not a place where one should stay for too long because, after all, the business of art is to be more than mere agitprop or political commentary. It is worth bearing in mind, however, that the artist invites the viewer to stand up and to say something because the failure to do so will mean that the already weakened bull will never be reduced so far as to retire from the scene. Do something, is the goat’s message, say something. This is the historical juncture at which the artist now finds himself.

The most politically-inspired of his sculptures, Words, owes much to a line from a poem by Hares Youseff which contains a couple of lines about a man lying on the ground, careless, in almost sleeping mode, oblivious to the fact that the blades of grass beneath him have

seu corpo haviam se transformado em lápis afiados balançando ao vento. Mas, como a obra de arte raramente tem um só significado, outra influência bastante evidente são os seres encontrados em Pompeia, que, soterrados subitamente pelas cinzas do vulcão, mantiveram congelados o derradeiro gesto de vida. O que nos leva a uma melhor compreensão da mensagem da obra de Taj-Eddin. Criada quando o conflito na Síria já contava um ano, a peça alude ao que se dizia na imprensa e por toda a parte. Palavras que, vindas de todos os lados, muitas vezes não chegavam a lugar nenhum.

O que salta aos olhos é que a figura curva-se sobre si mesma em busca de proteção, como uma criança, embora as mãos e os olhos despertem outros significados. Ele está morrendo lentamente... Mas ainda não está morto... Seus olhos estão abertos e os ouvidos destampados. Por mais que ele queira, não consegue se erguer, então se deita sobre os lápis, que são as palavras ditas e escritas sobre ele. Ele não pode simplesmente tapar os ouvidos e ignorá-las, tem de se entregar à dor imposta. A mensagem de Taj-Eddin não é explícita: você, o espectador, também tem que ouvir, ver, e sofrer com ele.

Zahed Taj-Eddin é sobrinho do célebre artista e escultor sírio, Wahbi al-Hariri (1914-1994) fundador da Escola de Arte de Alepo e comumente chamado de “o último dos clássicos”. Curiosamente, assim como seu tio, Zahed também sofre de daltonismo. Outro aspecto marcante de seu trabalho é que as figuras quase sempre se erguem no topo de algum monte ou sobre outro animal. Encerro com palavras do próprio artista, que diz: “É preciso ascender sempre mais em busca da verdade. Eu adoro os poemas de Nietzsche. Você precisa escalar a montanha. As pessoas ao rés do chão nunca chegam a lugar nenhum, nem enxergam além da própria estatura”.

become like sharpened pencils moving this way and that in the wind. A work of art is rarely about one thing only. Another influence, almost too obvious to mention, are the figures found at Pompeii, so suddenly entrapped by volcanic ash they have retained their living postures. This brings us a step closer to what this work is attempting to say to the viewer. The conflict in Syria had already been going on for a year when Taj-Eddin did this sculpture. Meanwhile, in the media and elsewhere, people talked and analysed ... their voices coming from everywhere and with a good many of them going nowhere. The killing increased but still the words came.

What is important to observe here is that the figure, almost childlike, curls in on himself in order to seek protection, a natural enough body gesture, but that the hands and eyes signify something else. He is dying slowly ... but he is not yet dead ... his eyes are open and he is not blocking his ears. He wants to but he can’t and of course he lies on top of these many pencils representing all the words being said and written about him. This is a pain that he has to have ... he cannot simply block his ears. Many people try to, of course, but Taj-Eddin’s message is unusually explicit: you, the viewer, have to listen and you have to watch and you have to suffer.

Zahed Taj-Eddin is the nephew of the celebrated Syrian artist and sculptor Wahbi al-Hariri (1914-1994) often dubbed ‘the last of the classicists’, who founded the School of Art in Aleppo. Curiously enough, Taj-Eddin shares his uncle’s colour-blindness. Another striking aspect in his work is how often the figures are on a mount, or, as with the goat standing on the bull’s spine, raised to a height. The final words are the artist’s: ‘You need to go higher to seek the truth,’ he says. ‘I love the poems of Nietzsche. You need to climb a mountain. The people on the ground never get anywhere. They do not see beyond the height of their own bodies.’

O texto de Marius Kociejowski foi extraído do seu capítulo “A cabra que estava em cima da espinha da Bull” no Zoo de Deus: Artistas, Exilados, os londrinos (Carcanet , 2014).

Marius Kociejowski’s text has been extracted from his chapter “The Goat That Stood Upon the Bull’s Spine” in God’s Zoo: Artists, Exiles, Londoners (Carcanet, 2014).

ZAHED
TAJ-EDDIN



ZAHED
TAJ-EDDIN



O mundo mitológico criado pelo escultor sírio Zahed Taj-Eddin, com seus animais ora dóceis ora opressores, em muito se parece com o nosso cotidiano. Dominação e medo; amor e domesticação; rebeldia e a busca eterna por dignidade. No ambiente imaginário habitado pelos touros, cavalos, ovelhas, veados e cabras, não se resolvem as incongruências e os dilemas da vida humana nem mundana. Contudo, na coexistência entre o caos e arte, há uma perfeita harmonia na qual cada espectador pode oferecer o sentido que lhe convém. Talvez seja exatamente no convite à subversão que a obra se realize, uma vez que o artista reluta em dar-lhe um único significado. No mundo misterioso e solitário da arte pelo amor e do amor pela história da arte, Taj-Eddin jamais rendeu-se a uma única fábula ou a um conto qualquer. Seu mundo não tem fronteiras. Sua natureza é selvagem e libertária. Cabe ao seu interlocutor a dura missão de buscar a si mesmo e encontrar sua própria identificação com a obra do artista sírio.

Nascido em Aleppo, cidade patrimônio da Humanidade duramente castigada pela guerra civil que se abateu sobre a Síria, Taj-Eddin faz de sua origem moldura para uma arte milenar que bebe também na contemporaneidade. É intransigente diante de qualquer tentativa de acorrentarem sua obra, sua arte, seu povo e sua Nação tão machucada. O artista é incansável e também depositário de tantas esperanças e decepções. Tudo é possível nas mãos deste alquimista que transforma argila em ferro; faz de touros indomáveis seres domesticáveis e ainda tem o senso de justiça e de liberdade como seu grande ideal.

Ao transportar sua arte que bebe na arqueologia e nos saberes milenares para a moderna Brasília, o artista propicia um encontro de civilizações. São o novo e o arcaico revelados na concretude da nobre sala de um palácio modernista desenhado pelo gênio Oscar Niemeyer. Não se espante se, de repente, um dos cavalos mitológicos criar asas e sair voando. Ele apenas clama por vitória.

The mythological world that the Syrian sculptor Zahed Taj-Eddin presents, with its creatures - sometimes docile, sometimes oppressed - doesn't differ all that much from our own present world. One encounters domination, fear, love, domestication, rebellion and an eternal search for freedom and dignity. In a metaphoric world inhabited by bulls, horses, sheep, deer and goats, the inconsistencies and dilemmas of human or worldly life are never solved. However, in the coexistence between chaos and art, there is a perfect harmony in which each viewer can provide the direction that best suits himself. Perhaps it's a call to rebellion but the artist refuses to give us a single meaning. In his mysterious and lonely world of art that in turn is driven by a love of history, Taj-Eddin never surrenders his vision to a single story or fable. His world has no boundaries; its nature is wild and liberating. It falls to the beholder to search for himself and to find his own identification with the work.

Born in Aleppo, a world heritage city that continues to be severely punished by the civil war that has befallen his country, Taj-Eddin draws upon his origins and its ancient art to produce work that although ancient in feel also feeds upon modernity. He is uncompromising in the face of any attempt to judge his work, his art, his people and his injured nation. He is a restless artist with countless hopes and disappointments. Anything is possible in the hands of an alchemist who transforms clay into metal, domesticates indomitable bulls, and who still preserves as his great ideal a sense of justice and freedom.

When bringing an art that is inspired by archeology and ancient wisdom to the ultimate modern city of Brasília, the artist by default initiates a meeting of civilizations. The new and the archaic are revealed in the Noble Hall, within the concrete and modernist palace designed by the genius Oscar Niemeyer. Do not be surprised if suddenly one of the mythological horses starts to fly away, claiming victory.

Por **Elizabeth Veloso**

Jornalista e Consultora Legislativa da Câmara dos Deputados

By **Elizabeth Veloso**

Journalist and Senior Legislative Consultant Officer

**ZAHED
TAJ-EDDIN**

Uma Fábula

Era uma vez, uma manada de touros poderosos que chegou a uma terra pacífica. Os touros eram grandes e fortes e tinham chifres dourados assustadores.

Eles dominaram a terra e aterrorizaram seus habitantes, os humanos e animais que ali viviam. Mesmo os cavalos esguios que antes corriam livres e se erguiam orgulhosos nas colinas, se tornaram pesados, impotentes, como um rebanho de ovelhas submisso e servil.

Os habitantes assistiam em agonia como os touros esmagavam qualquer um que tentava desafiá-los. Eles ansiavam por sua liberdade perdida e lembravam-se do tempo em que viviam com dignidade.

Uma bela mulher chamada Jamiela, determinada a escapar da tirania dos touros, pediu a um forte cavalo que a levasse correndo para longe dos chifres dos touros, mas o cavalo estava com medo e relutante.

Jamiela tentou se aproximar dos touros para brincar com eles e domesticá-los, mas eram tentativas desesperadas e perigosas. Os touros não conseguiam brincar delicadamente e logo a derrubaram. Todos ficaram tristes, até mesmo os touros, que carregaram o corpo dela nas costas e inclinaram suas cabeças com respeito e consternação.

Os animais disseram ao cervo: você tem uma bela galhada, se deixá-la crescer, pode assustar os touros e afastá-los para longe. Mas quando a galhada enfim cresceu, embora grande e vistosa, ficou pesada, emaranhada e inútil.

A cabra foi a esperança deles! Rebelde por natureza, foi a única que pôde saltar com vigor no lombo do touro e desviar dos seus chifres. O touro ficou exausto. Este foi o convite para que todos se juntassem a cabra e proclamassem a vitória.

Por Zahed Taj-Eddin

A Fable

Once upon a time, a herd of mighty bulls arrived in a peaceful land. The bulls were large and strong and had frightening golden horns.

The bulls controlled the land and terrified all its inhabitants, human and animal. Even the graceful horses that once ran freely and stood upon the hills in pride became powerless, overweight and gathered like a flock of sheep, submissive and servile.

The inhabitants watched in agony as the bulls crushed anyone who tried to challenge them. They longed for their liberty and remembered a time when they lived in freedom and dignity.

A beautiful woman named Jamiela was determined to run away from the bulls' tyranny. She asked a strong horse to carry her and run fast across the land away from the bulls' horns, but the horse was afraid and reluctant.

Jamiela tried to come closer to the bulls, play with them and domesticate them, but these were desperate and dangerous attempts. The bulls could never play peacefully and soon they knocked her down. Everybody was sad, even the bulls, and they carried her on their backs and bowed their heads down in respect and sorrow.

The animals said to the deer: "You have beautiful antlers. If you let them grow big and strong, you may scare the bulls and drive them away". In time the antlers did indeed grow longer and higher and in beautiful patterns but they became heavy, tangled and useless.

The goat was their hope! With its rebellious nature, it was the only creature who could jump spryly onto the bull's spine and dodge its horns. The bull became exhausted and fatigued. This was the invitation for everybody to join the goat and claim victory.

By Zahed Taj-Eddin



ZAHED
TAJ-EDDIN

ZAHED
TAJ-EDDIN



The Herd | 2013, stoneware, 62 x 23 x 10 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Myth | 2013, stoneware, 125 x 125 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN

ZAHED
TAJ-EDDIN



The Horses That Became Sheep | 2015, stoneware, 60 x 28 x 25cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Pride | 2014, stoneware, 37 x 37 x 28 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Noise | 2014, stoneware and wood, 11 x 11 x 35 cm



Muse | 2014, stoneware and wood, 11 x 11 x 28 cm



Words | 2013, stoneware, 40 x 40 x 22 cm



Jamiela | 2013, stoneware, 35 x 15 x 36 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



The Boat | 2013, stoneware, 22 x 7 x 9 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Bull Leaping 1 | 2014, stoneware, 30 x 18 x 38 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Europa | 2014, stoneware, 35 x 20 x 36 cm



Bull Leaping 2 | 2014, stoneware, 30 x 18 x 34 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Domestication | 2012, stoneware, 26 x 20 x 33 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



The Funeral | 2013, stoneware, 33 x 24 x 15 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Dialogue | 2013, stoneware, 27 x 37 x 23 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Vainglory | 2013, stoneware, 56 x 46 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Tangled | 2014, stoneware, 26 x 16 x 32 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



A Moment of Victory | 2014, stoneware, 64 x 24 x 50 cm

ZAHED
TAJ-EDDIN



Zahed Taj-Eddin

*Artista plástico, arqueólogo e restaurador de
artefatos antigos e históricos.
Artist, archaeologist and restorer of ancient and
historical artifacts.*

ZAHED
TAJ-EDDIN



Conheça

as galerias de arte
da Câmara dos Deputados



Fotografia: Luis Macedo

Gabinete de Arte
Gabinete da Presidência - Edifício Principal



Fotografia: Zea Ribeiro

Salão de Arte
Galeria de Arte do 10º andar - Anexo IV



Fotografia: Lúcio Bernardo Jr.

Exposições Históricas
Corredor de Acesso ao Plenário Ulysses Guimarães



Fotografia: Luiz Marques

Exposições Especiais
Salão Negro - Edifício Principal



Fotografia: Ananda Borges

Câmara das Artes
Galeria de Arte do Salão Nobre - Edifício Principal



Fotografia: Luis Macedo

Exposições Institucionais
Espaço do Servidor - Anexo II



Câmara dos Deputados	Coordenação do Projeto
Mesa Diretora da Câmara dos Deputados	Secretaria de Comunicação Social
	Centro Cultural Câmara dos Deputados
Presidente	Secretário de Comunicação Social da Câmara dos Deputados
Eduardo Cunha (PMDB/RJ)	Cleber Verde (PRB-MA)
1º Vice-Presidente	Diretora do Centro Cultural
Waldir Maranhão (PP/MA)	Isabel Martins Flecha de Lima
2º Vice-Presidente	Curadoria
Giacobo (PR/PR)	Zahed Taj-Eddin
1º Secretário	Produção
Beto Mansur (PRB/SP)	Goya Oliveira
2º Secretário	Fotografia
Felipe Bornier (PSD/RJ)	Zahed Taj-Eddin
3º Secretário	Projeto Gráfico
Mara Gabrilli (PSDB/SP)	Ely Borges Israel Cerqueira Diego Justino
4º Secretário	Assessoria de Imprensa
Alex Canziani (PTB/PR)	C.André Laquintinie
Suplentes	Montagem e Manutenção da Exposição
Mandetta (DEM/MS)	André Ventorim Edson Caetano
Gilberto Nascimento (PSC/SP)	Paulo Titula Victor Paiva Wendel Fontenele
Luiza Erundina (PSB/SP)	Conservação e Restauração
Ricardo Izar (PSD/SP)	Seção de Conservação e Restauração da Câmara dos Deputados - Cobec/Cedi
Procurador Parlamentar	Material Gráfico
Claudio Cajado (DEM/BA)	Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA
Corregedor Parlamentar	Impressão - Plotagem
Carlos Manato (SD/ES)	WL Serviços
Diretor-Geral	
Romulo de Sousa Mesquita	
Secretário-Geral da Mesa	
Silvio Avelino da Silva	

Agradecimentos

"Thanks to Ms Elizabeth Veloso from the Chamber of Deputies for her contribution in making this exhibition possible"
"Many thanks to Dr Otto Dias Reifschneider and Viviane Rios Balbino for their suport with this exhibition"

Contato do Artista:
Zahed Taj-Eddin
e-mail: Zahed Tajeddin (zahedti@hotmail.co.uk)
www.zahedtajeddin.com
<http://www.ucl.ac.uk/archaeology/taience>

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional- Câmara dos Deputados
Anexo 1 – Sala 1601 – Cep 70.160-900 – Brasília/DF
<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centro-cultural>

Brasília, julho de 2015.

REALIZAÇÃO

Secretaria de
Comunicação Social

CÂMARA DOS
DEPUTADOS

